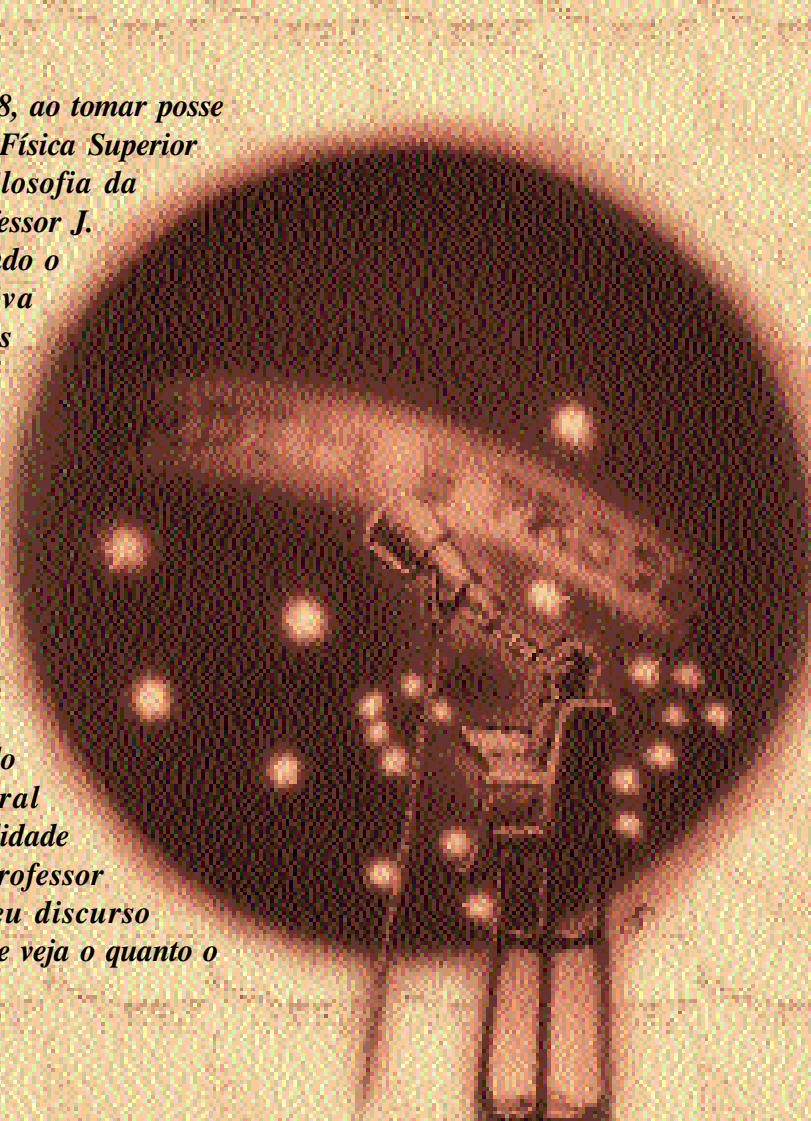



UNIVERSIDADE E PESQUISA: OS NOSSOS PROBLEMAS

J. Leite Lopes

No dia 16 de novembro de 1948, ao tomar posse da cadeira de Física Teórica e Física Superior na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, o professor J. Leite Lopes discursou defendendo o regime de dedicação exclusiva para que docentes e assistentes pudessem se dedicar aos trabalhos de pesquisa e ensino. Naquela ocasião, Leite Lopes citou a Universidade de São Paulo como modelo a ser seguido para a adoção deste regime em todo o país. Passados 49 anos daquela data, a USP continua a ser paradigma, porém, como propulsora da flexibilização do regime de dedicação integral (RDIDP). Em função da atualidade dos conceitos emitidos pelo professor Leite Lopes, publicamos o seu discurso pronunciado em 1948. Analise e veja o quanto o texto é atual.





Creio que já é tradição nesta Casa, que um professor catedrático ao ser empossado em sua cátedra, pronuncie algumas palavras aos seus colegas. Receio entretanto, que as palavras que vos tenho a dizer hoje não sejam somente alegria. Hesitei mesmo quando pensei em pronunciá-las. Mas o professor universitário que encara com seriedade as suas funções na universidade e, sobretudo, o que se dedica à investigação científica, não tem o direito de esconder a verdade nem de fugir à análise da realidade dos fatos. E a verdade e a realidade dos fatos nesta Universidade resumem-se essencialmente nisto: os seus problemas vitais não estão resolvidos, não estão atacados e nem devidamente formulados. É mesmo amargo e melancólico quando comparamos a estrutura fundamental e o funcionamento desta com o das universidades dos países europeus e dos Estados Unidos da América. E enquanto nos comprazemos em realizar verdadeiras batalhas verbais em torno de especulativas, abstratas e quase sempre retóricas concepções de universidade, de apriorísticos espíritos universitários, os problemas e as dificuldades de ordem concreta que se antepõem à boa marcha dos próprios trabalhos universitários são relegados a plano secundário, deixando, em consequência, esses trabalhos num estado de asfixia quase permanente.

Nesta altura da vida dos povos que têm cultura e civilização, universidade é, antes e acima de tudo, um corpo de professores-pesquisadores e de assistentes-pesquisadores, integralmente dedicados às suas funções de ensino e pesquisa na universidade, voltados para elas, por elas absorvidos, vivendo-as em sua vida comum.

O trabalho de investigação científica, a pesquisa literária e filosófica, exigem a atenção voltada para os problemas da particular disciplina em que se trabalha, todas as horas do dia, todos os dias do mês, todos os meses do ano. Sem esta equipe de homens devotados a ensinar, criticando fundamentalmente o que outros descobriram, e a ensinar o que eles próprios são levados a descobrir — como um corolário que decorre da necessidade de se criar para se compreender melhor — sem esta equipe de homens assim devotados, não existe universidade. E esta equipe, este material humano, é que é o patrimônio número um da universidade. Universidade é, em seguida, a realização das condições necessárias à efetivação dos trabalhos de pesquisa e ensino: equipamento material de laboratórios e bibliotecas, de um lado; concessão de bolsas a estudantes para que estes possam avançar em seus estudos, sem dificuldades alheias à sua inclinação científica; para que eles possam render serviços amanhã, em um nível superior, ao país que os amparou e que deles necessita vitalmente. Não é propriamente uma universidade aquela cujos professores são obrigados a exer-

cer funções alheias às suas atividades universitárias, a fim de poderem viver ou sobreviver. Será, no máximo, um conjunto de escolas em que se realizam conferências mais ou menos brilhantes e em que se passam receitas rotineiras.

Naturalmente, compreendemos que nesta fase das nossas instituições universitárias não seja possível uma brusca modificação total de sua estrutura no sentido de lhes dar o caráter quase ideal das universidades americanas ou européias. Tiveram estas uma experiência multissecular para atingir o nível de hoje, enquanto que, em nosso país, as universidades como tais, integradas por faculdades de filosofia, ciências e letras, são de recente criação. Lamentável é apenas que não tenhamos tido a sabedoria de aproveitar a experiência substancial, neste domínio, dos países mais avançados. Copiamos-lhe a forma e os nomes, revestimo-los até de maior imponência e sabor auditivo...

Deixamos de lado a base substancial para o trabalho efetivo, para a produção científica segura. Isto não deve, entretanto, constituir motivo de desânimo nem de destruidor pessimismo. Se não tivemos universidades corretamente projetadas e construídas — refiro-me à estrutura intelectual — é porque certamente não tivemos os elementos bastantes para assim construí-las. O que devemos agora, inadiavelmente, é reunir homens e elementos para que, trabalhando na universidade, a possamos encaminhar à posição que lhe compete.

É claro que colocar os professores e

assistentes da universidade, bruscamente, em regime de tempo integral, é certamente irrealizável, se não à falta de meios imediatos para este fim, porque esses professores tiveram de adaptar e estruturar a sua vida de acordo com a norma vigente, que considera a função de professor universitário como apenas uma de tantas outras atividades simultâneas. Seria absurdo, senão revoltante, impedir-se que os mais jovens que queiram iniciar a sua carreira de professor universitário integralmente dedicados à pesquisa e ao ensino na universidade, impedir-se que o façam, à falta de meios previstos para este fim. A tarefa fundamental que me parece competir atualmente às autoridades universitárias brasileiras — e sobretudo, às da universidade considerada padrão do Brasil — é certamente esta de preparar e iniciar o período de transição progressiva, de passagem do sistema atual ao sistema dos professores e assistentes exclusivamente dedicados aos trabalhos de pesquisa e ensino na universidade.

Uma regulamentação adequada, destinada inicialmente às cadeiras científicas de caráter fundamental, deverá ser elaborada e posta realmente em vigor. Uma experiência nesse sentido já foi iniciada no Brasil, há vários anos, pela Universidade de São Paulo, e o êxito por ela alcançado é conhecido de todos os que se dedicam à ciência em nosso país e no exterior. Graças a este êxito, o sistema da dedicação exclusiva tem-se ampliado cada vez mais naquela Universidade: os departamentos cientí-

ficos da Faculdade de Filosofia e a própria Faculdade de Medicina têm, lá, o seu corpo de professores e assistentes, em sua quase totalidade, em regime de "full-time". Não se compreende por que motivo uma tão importante medida não deveria ser iniciada e progressivamente realizada na Universidade do Brasil. Se é pequeno o número de professores que deseja este sistema de trabalho — indispensável, repetimos, à contínua e eficiente produção científica — tanto mais fácil será a execução da medida. E esta, por sua vez, assegurará aos departamentos científicos desta Faculdade maior colaboração de universidades e instituições estrangeiras, como a Fundação Rockefeller, famosa pelo auxílio substancial que tem prestado aos institutos científicos do mundo inteiro.

Não é, em absoluto, exagerada esta ênfase sobre a necessidade de amparo e fomento à investigação científica no Brasil. O progresso de um país repousa certamente num equilíbrio sadio entre o espírito científico e o cultivo das letras e das artes. Este equilíbrio não existe em nosso país. Se temos uma tradição cultural, esta é certamente a das letras. E se nos sentimos justamente orgulhosos dos nossos escritores e dos nossos poetas, e achamos, com razão, que não saberíamos viver sem tão valioso patrimônio cultural, por outro lado, não nos devemos esquecer de que sem ciência e sem técnica, no mundo em que vivemos, seremos incapazes de resolver os nossos próprios

problemas nacionais. Estamos longe, muito longe do perigo do chamado cientificismo ou tecnicismo, como creio que já nos começamos a libertar do chamada bacharelismo. Possuímos belos poemas brasileiros, mas as nossas máquinas são importadas, as nossas técnicas são trazidas e traduzidas do estrangeiro, não temos um desenvolvimento científico e técnico capaz de suportar e impelir um desenvolvimento industrial à altura das nossas necessidades e dos nossos anseios.

A criação de técnicas novas exige um ambiente científico fundamental apto a fornecer uma variedade de idéias novas. Este é um aspecto da ciência da maior importância para qualquer país, que só os ignorantes ou os de má-fé poderiam negar. Mas a ciência é também, e antes de tudo, uma das mais nobres atividades do espírito humano. Possui um conteúdo lógico inigualável e uma harmonia estética comparável à das mais belas criações artísticas. Conduz a uma formação moral das mais sólidas, pois o homem de ciência não pode subordinar um teorema matemático ou uma lei da física aos seus interesses pessoais. É sob este aspecto lógico, estético e moral que a ciência deve ser cultivada e fomentada nas universidades. Nestas, o trabalho de investigação científica possui não somente o sentido de contribuição ao progresso do conhecimento humano, mas é nas universidades que está assegurada, pela sua própria natureza, a continuidade desses mes-

mos trabalhos, através da formação de novas equipes de pesquisadores e de professores de alta competência. É por esta dupla função de centro de pesquisa e de centro formador — e somente por ela — que as universidades são chamadas a intervir, de maneira positiva e decisiva, no progresso de uma nação. É claro que esta intervenção, pelos motivos já mencionados, é mínima, quase inexistente, no Brasil. Mas, então, se achamos que o progresso de nosso país deve ser assegurado a todo custo e se concordamos que a universidade — como centro de ensino e pesquisa em florescimento — é um importante elemento para esse progresso, que temos de fazer senão dar à universidade as condições necessárias e suficientes ao seu florescimento?

Tivemos no passado, grandes vultos científicos, sobretudo no domínio da medicina experimental. Tivemos também, embora em muito menor número, pioneiros da matemática: Joaquim Gomes de Souza, Otto de Alencar, Amoroso Costa e Teodoro Ramos. Em Gomes de Souza, no século passado, e em Otto de Alencar, no início deste século, encontramos também os primeiros trabalhos de física e matemática no Brasil. São esses trabalhos muito pouco conhecidos, assim como os seus autores e seria de todo desejável que o Ministério de Educação ou a própria Universidade os reunisse e editasse em um volume, como importante contribuição à história da inteligência científica brasileira. Em meio a condições tão desfa-

voráveis, estes primeiros representantes do nosso pensamento científico exato demonstram de maneira incisiva e direta que somos capazes, os nativos desta terra, de fazer ciência, de pensar e criar idéias científicas.

Mas é só recentemente, a partir de 1934, com a criação da Faculdade de Ciência da Universidade de São Paulo, que as investigações na física teórica e na física experimental iniciaram um desenvolvimento contínuo e promissor. Teve aquela Universidade a sabedoria de convidar e de continuar convidando notáveis mestres estrangeiros para colaborar na organização e nas atividades posteriores dos seus Departamentos científicos. Gleb Wataghin foi o grande e entusiasta organizador da física no Brasil. E hoje, os trabalhos de Souza Santos, Mário Schenberg, Paulus Pompéia e colaboradores, no domínio da radiação cósmica e da física atômica; os trabalhos de Costa Ribeiro, Bernardo Gross e Oliveira Castro, na física dos dielétricos, asseguram ao Brasil, uma posição de destaque nos meios científicos mundiais. Deste clima de trabalho, de amor à ciência, continuam a sair jovens pesquisadores e todos vós sabeis da importância e da repercussão mundial das pesquisas recentes de Cesar Lattes. E ao seu lado, dois outros jovens cientistas, Leopoldo Nachbin e Jayme Tiomno, realizam atualmente, nos Estados Unidos, importantes trabalhos em matemática e física.

Devemos, entretanto, não perder de vista que ainda não possuímos um de-

envolvimento científico à altura das nossas possibilidades e necessidades. Os centros científicos do país — e entre eles, esta Faculdade — trabalham ainda, em geral, em condições deficientes e só será sábia e sadia política ampará-los por todos os meios. A nossa preocupação deve estar antes voltada para a formação de jovens pesquisadores, para o aproveitamento dos nossos valores humanos. Sem estes de nada adiantarão instalações luxuosas ou prédios bonitos, porque permanecerão mudos e envelhecerão antes do tempo. Humanismo científico e técnica científica, como qualquer atividade intelectual, dependem antes de tudo de homens de ciência.

Estou consciente das responsabilidades que me cabem ao assumir hoje, em caráter permanente, as funções de professor de Física Teórica nesta Casa. Desde que as assumi interinamente, há três anos, tenho dedicado o melhor dos meus esforços aos trabalhos de pesquisa e de ensino do Departamento de Física desta Faculdade. É uma das nossas maiores preocupações, no Departamento, dar uma formação científica fundamental aos nossos estudantes, tão completa quanto possível. Sentimos, entretanto, uma necessidade imperiosa da colaboração de jovens assistentes, de pesquisadores e técnicos para completarem os quadros do nosso Departamento e, em particular, da minha cadeira. Fazemos, a este respeito, um apelo às autoridades universitárias, ao Magnífico Reitor, para que o problema do aproveitamento dos nossos

valores novos na própria Universidade seja resolvido com a prioridade que lhe cabe. Não sou eu, não somos nós pessoalmente que pedimos. É a nossa produção científica, a nossa vontade firme e resolução de elevar o nome científico desta instituição.

É neste sentido que continuarei, como antes, trabalhando. Para esta tarefa, tenho o apoio moral, o conforto e a inspiração dos meus mestres do Recife: Luiz Freire, Newton Maia e Oswaldo Gonçalves de Lima; dos meus mestres e atuais colegas desta Casa; do meu predecessor nesta cátedra, Luigi Sobrero; dos meus colegas de São Paulo; da formação científica e de amor ao trabalho ininterrupto que recebi na Universidade de Princeton: do meu sábio mestre, Wolfgang Pauli. Para esta tarefa, tenho, sobretudo, apoio e a aprovação dos meus jovens colaboradores, os meus alunos.

Não hesitarei nem contemporeizarei no trabalho pela Física e pela ciência no Brasil.

Estou certo de que somos capazes, nesta Universidade, de analisar de frente os seus problemas, de resolvê-los e de elevar o seu nome. Não encontraremos, certamente, caminhos fáceis nesta direção. Nem estaremos em busca de recompensas pessoais. O poeta Rainer Maria Rilke já nos avisou: “quase tudo o que é sério é difícil e tudo é sério”. “Um trabalho de arte é bom se ele nasce de uma necessidade interior”.

E a necessidade é melhor se com ela estamos servindo ao nosso país. 